

Por Ana Carolina Martins

Poucos lugares de Campinas concentram tantos relatos, memórias e contradições como o Cemitério da Saudade. À primeira vista, ele até pode parecer apenas um espaço silencioso e dedicado à despedida. Entretanto, basta atravessar os seus portões para perceber que ali estão guardados capítulos inteiros da história da cidade, do ciclo do café, das grandes epidemias, das famílias tradicionais e dos personagens anônimos que ganharam fama póstuma por suas trajetórias marcadas por tragédias, fé e mistério.

Inaugurado oficialmente no ano de 1880, em uma época em que o município experimentava um intenso crescimento urbano e econômico, o Cemitério da Saudade foi pensado e planejado para equacionar uma grave questão sanitária: os antigos locais de descanso eterno em igrejas e pequenos cemitérios paroquiais já não comportavam os mortos, especialmente após as sucessivas epidemias de febre amarela, que devastaram a população do município no fim do século XIX.

Inicialmente conhecido como “Cemitério do Fundão”, somente receberia o atual nome décadas depois, em 1924. Aliás, um nome que, curiosamente, ajudou a moldar a aura afetiva e simbólica do lugar. Com uma área que ultrapassa 180 mil metros quadrados, distribuída em mais de uma centena de quadras, o Cemitério da Saudade abriga dezenas de milhares de sepulturas e um dos maiores acervos de arte funerária do interior paulista.

Mausoléus e esculturas

Mausoléus monumentais, esculturas em mármore Carrara, bronze e granito, capelas ornamentadas e anjos esculpidos com delicadeza revelam o gosto estético das elites do passado. Foi justamente por esse valor histórico, artístico e urbanístico, que o cemitério foi tombado como patrimônio cultural do município em 2003.

Entre os seus “hóspedes” estão personagens fundamentais da história campineira. Políticos, empresários, intelectuais e figuras públicas que ajudaram a construir a cidade repousam em túmulos que, ainda hoje, recebem visitas.

Um dos mais conhecidos é o de Francisco Glicério, figura central da política republicana brasileira. Outro importante é o monumento dedicado aos combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932, espaço de memória coletiva sobre a história paulista, com inscrições e elementos simbólicos que evocam civismo e sacrifício.

Histórias populares

Contudo, é no campo das histórias populares que o Cemitério da Saudade ganha contornos quase literários. Um dos túmulos mais visitados e comentados é o de Maria Jandira. Sua história é uma das mais

conhecidas e trágicas do local. A jovem, rejeitada pela família depois de engravidar fora do casamento, teria vivido um amor marcado por abandono e vergonha social.

Ela morreu de forma trágica, com o corpo incendiado, em circunstâncias que nunca foram completamente esclarecidas. O impacto de sua morte foi tão grande naquela época, que, com o tempo, a sua sepultura passou a ser associada a pedidos voltados a relacionamentos, reconciliações e dores amorosas.

Um detalhe sobre as visitas chama a atenção: aqueles que vão ao túmulo homenageá-la costumam deixar flores, mas evitam acender velas, supostamente devido à maneira como ela morreu.

Escravo do boi falô

Outro personagem popular é o Toninho, conhecido como o “escravo do boi falô”. Conta a tradição oral ele, homem escravizado em uma fazenda da região, teria ouvido um boi falar que nenhum trabalho poderia ser feito na Sexta-feira Santa, por ser sagrado.

Toninho teria alertado o capataz, mas não foi levado a sério.

CEMITÉRIO DA SAUDADE:

as vozes que não silenciam

Um passeio pelas memórias, tragédias e devoções campineiras

Como castigo, foi violentamente punido e acabou morrendo. Seu túmulo tornou-se ponto de grande visitação, especialmente de pessoas que buscam justiça, proteção e alívio de sofrimentos.

Três anjinhos

Também há os túmulos conhecidos como o dos “Três Anjinhos” que foram três crianças que morreram em um incêndio, uma tragédia que comoveu a cidade. As esculturas angelicais que marcam o local chamam a atenção pela delicadeza e simbolismo, e o túmulo passou a ser associado a pedidos de proteção para crianças e famílias.

E é justamente por reconhecer o valor histórico e cultural do local que a Prefeitura de Campinas passou a



Cemitério da Saudade abriga um dos maiores acervos de arte funerária do interior paulista

incentivar visitas monitoradas ao cemitério. O passeio conhecido como “Saudade e Suas Vozes” conduz grupos por túmulos de personalidades

históricas, obras de arte tumular e sepulturas envoltas em lendas, sempre com acompanhamento de guias e historiadores.

Poucos lugares de Campinas concentram tantos relatos, memórias e contradições como o Cemitério da Saudade

